

Da reconfiguração dos papéis da mulher e da maternidade em narrativas gráficas presentes em *Mafalda: femenino singular*, de Quino

Guilherme Moés (UFPB)*
ORCID 0000-0003-3372-0795

Resumo: Em uma perspectiva que contempla uma discussão sobre quadrinhos, história e sociedade, a partir da ótica dos Estudos Feministas e de Gênero, analisam-se cinco narrativas gráficas presentes em *Mafalda: femenino singular* (2019), do escritor argentino Joaquín Salvador Lavado Tejón, popularmente conhecido como Quino. Percebe-se que Mafalda, embora seja a representação ficcional de uma menina de apenas seis anos, que adora sopa e repudia o mundo dos adultos em razão das problemáticas por eles criadas, demonstra conhecer em profundidade as nuances sociais, políticas e culturais que perpassam a sociedade, o que é expresso em suas falas marcadas com tons de ironia muito característicos de sua enunciação. No *corpus* analisado, evidencia-se a configuração de uma personagem nitidamente feminista, que representa a mulher pensante, crítica e reflexiva, que subverte a ordem patriarcal no sentido de questionar o lugar e o papel do feminino na sociedade, sobretudo em se tratando da questão da maternidade e seus estereótipos.

Palavras-chave: Mafalda; gênero; feminismo; maternidade; narrativas gráficas

Abstract: In a perspective that contemplates a discussion about comics, history and society, from Feminist and Gender Studies, I analyze five graphic narratives present in *Mafalda: femenino singular* (2019), by the Argentine writer Joaquín Salvador Lavado Tejón, popularly known as Quino. It can be seen that Mafalda, despite being the fictional representation of a six-year-old girl, who loves soup and repudiates the world of adults due to the problems created by them, demonstrates a deep knowledge of the social, political and cultural nuances that permeate the society, which is expressed in her speeches with tones of irony very characteristic of his enunciation. In the analyzed corpus, it is evident the configuration of a clearly feminist character, who represents the thinking of a critical and reflective woman, that subverts the patriarchal order in the sense of questioning the place and role of the feminine in society, especially when it comes to the issue of motherhood and its stereotypes.

Keywords: Mafalda; genre; feminism; maternity; graphic narratives

Resumen: En una perspectiva que trata de la discusión sobre cómic, historia y sociedad, desde los Estudios Feministas y de Género, se analizan cinco narrativas gráficas de *Mafalda: femenino singular* (2019) del escritor argentino Joaquín Salvador Lavado Tejón, conocido popularmente como Quino. Se puede apreciar que Mafalda, a pesar de ser la representación ficticia de una niña de seis años, amante de la sopa y crítica del mundo de los adultos por los problemas creados por ellos, demuestra un profundo conocimiento de los matices sociales, políticos y culturales que marcan la vida en sociedad, lo que se expresa en sus discursos marcados con tonos de ironía muy característicos de su enunciación. En el *corpus* analizado se evidencia la configuración de un personaje claramente feminista, que representa a la mujer pensante, crítica y reflexiva, que subvierte el orden patriarcal en el sentido de cuestionar el lugar y rol de lo femenino en la sociedad, especialmente cuando se trata del tema de la maternidad y sus estereotipos.

Palabras-clave: Mafalda; género; feminismo; maternidade; narrativas gráficas

Recebido em: 10 abril 2021

| Aprovado em: 10 out. 2021

* Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: guilherme.moes09@gmail.com.

Palavras iniciais

Há dois termos que precisam ser esclarecidos de início para um melhor entendimento da discussão que se implementa neste trabalho: *papéis da mulher e patriarcado*. Na verdade, este, de certa forma, tem, histórico e socialmente, definido aquele. Em outras palavras, o patriarcado é um sistema social, político, cultural e ideológico no qual o homem é a figura central, representante da dominação (BOURDIEU, 2012), da liderança e do poder, e a mulher, por sua vez, é secundária, periférica, submissa e – para não se utilizar de eufemismos – escrava nos moldes contemporâneos (TIBURI, 2018). E são esses, justamente, os papéis que têm sido atribuídos à figura feminina desde quando o mundo é mundo e o homem é homem, já que, no período histórico conhecido como Paleolítico, quando o ser humano ainda era nômade e não tinha descoberto a agricultura, à mulher já era destinado o espaço do lar, do doméstico, enquanto que, ao homem, restava o dever de ir à caça. Sobre esses papéis da mulher, muito poderia se discutir, até porque, ao passo que o patriarcado determina padrões estereotipados de comportamento para o feminino, também o faz em relação ao masculino, obrigando, como se poderia dizer, o homem a agir como “homem” – mas este não é o foco deste trabalho.

Hoje, é claro, muito houve de progresso no sentido da libertação da mulher desse espaço restrito que é o ambiente doméstico. No mundo ocidental, principalmente, a mulher tem subvertido a égide patriarcal na busca pela equidade dos gêneros, sob um tom de luta por direitos iguais em vários aspectos: políticos – tanto no sentido de voto, quanto no de ocupação de cargos antigamente associados exclusivamente ao masculino –, econômicos, vinculados à independência financeira, e, conseqüentemente, sociais, sexuais, religiosos, dentre outros. Todos esses convergem para a emergência de uma mulher que também repensa o seu lugar na maternidade. Prova disso é que, especialmente em se tratando do cenário brasileiro, observa-se uma redução da taxa de filhos por mulher, além de uma maior quantidade de mulheres que saem do espaço a ela destinado social e historicamente, e que seguem rumo ao mercado de trabalho e às formações profissional e intelectual. Com isso, conseguem independência financeira – elemento que, em geral, outrora, se caracterizava como um elo perigoso que a liga(va) ao homem e que funciona(va) como um meio para o exercício da dominação masculina sobre a mulher, constituindo-se uma forma de opressão de gênero (BOURDIEU, 2012).

Em todo o mundo, neste terceiro milênio, as manifestações pela libertação feminina, ou seja, pela independência da mulher em vários setores da sociedade, têm ganhado espaço na mídia. Na Espanha, em 2018, mais especificamente no dia oito (08) de março, uma onda de mulheres saiu às ruas para uma mobilização que teve alcance global e que contestava e cobrava direitos iguais entre homens e mulheres. A proporção do evento foi tamanha que incentivou mulheres em vários países a irem às ruas pela igualdade de gênero, com ecos da Argentina à Itália, do Brasil à Arábia Saudita. Inclusive, tal acontecimento favoreceu e inspirou muitas pessoas, dentre as quais escritores de todos os tipos, inclusive historiadores gráficos, como é o caso de Joaquín Salvador Lavado Tejón, mais conhecido como Quino, pai da também conhecida personagem dos quadrinhos, Mafalda, fazendo-o publicar pela editora Lumen, no ano de 2019, uma reunião de tirinhas feministas no livro *Mafalda: femenino singular* (2019).

Criada inicialmente no ano de 1962 com o objetivo de servir para uma campanha publicitária de eletrodomésticos que não deu certo por causa de um cancelamento da produtora, somente no dia 29 de setembro de 1964 é que Mafalda ganha o mundo dos quadrinhos e começa a encantar multidões por todo o mundo em razão do seu posicionamento político e social em busca de uma sociedade mais justa e menos desigual.

Ao completar cinquenta e cinco (55) anos em 2019, essa icônica personagem continua trazendo à tona temáticas que vão de problemas ambientais, como o aquecimento global, o desmatamento, a questões relativas à desigualdade social e de gênero, abrindo espaço para reflexões de grande relevância na contemporaneidade.

É interessante notar que o surgimento dessa personagem de Quino é contemporâneo à emergência dos Beatles, às propostas de libertação sexual encabeçadas pelos *hippies*, além de um grande marco para a revolução e libertação das mulheres: as pílulas anticoncepcionais. As pílulas foram muito importantes para que as mulheres pudessem sair do espaço recluso do ambiente doméstico. Isso porque, quando da não existência desse medicamento, elas tinham, sob uma certa ótica, suas sexualidades violentadas e, conseqüentemente, uma maternidade imposta, haja vista que, como se pode comprovar até cotidianamente em uma simples conversa com as hoje avós e bisavós, as mulheres tinham quase que um filho por ano, o que deixava a taxa de natalidade constantemente elevada. Como bem contempla Lucila Scavone (2001), no período pós-segunda guerra, a industrialização da produção também contribuiu para essa libertação feminina, já que há a inserção da mulher na indústria.

Com o advento da obra *O Segundo Sexo*, Simone de Beauvoir (1980) inaugura uma discussão de grande relevância para os estudos feministas ao questionar os papéis hodiernos atribuídos ao feminino por promover críticas às perspectivas deterministas que consideram o gênero a partir de interferências biológicas ou divinas. Por outro lado, Beauvoir (1980) propõe a ideia de que o sujeito-mulher é, na verdade, uma construção histórica e social; não se nasce mulher, torna-se mulher. E é também sob esse prisma contrastante entre o determinismo biológico e a construção sócio-histórica que Piscitelli (2009) apresenta a definição de gênero como um constructo cultural à mercê de vários fatores que vão além da carga genética, indo aos aspectos da cultura propriamente dita e suas várias facetas. Dado o exposto, questionar os papéis atribuídos à mulher na sociedade contemporânea é discutir os valores engajados na construção da ideia do ser-mãe, isto é, da maternidade.

Sendo assim, este trabalho tem como objetivo analisar cinco narrativas gráficas presentes na obra *Mafalda: feminino singular*, do escritor Quino (2019), para arquitetar perspectivas refletivas diante das construções enunciativo-discursivas da personagem Mafalda, sob o viés da maternidade como categoria definidora do ser-mulher e que precisa ser desconstruída de acordo com os pressupostos de libertação feminina propostos pelo feminismo, que preza por direitos iguais entre homens e mulheres. Para isso, firma-se uma base teórica nos estudos feministas e que discutem sobre o patriarcado, a dominação masculina e a maternidade sob os nomes de Simone de Beauvoir (1980), Pierre Bourdieu (2012), Heleieth Saffioti (1987), Márcia Tiburi (2018), Lucila Scavone (2001), Brasil e Costa (2018), dentre outros. Além disso, faz-se indispensável compreender como as narrativas gráficas – que, muitas vezes, são vistas como produções não-literárias e que, por serem tidas marginais, não causariam impacto na formação psíquico-social, fato, inclusive, que fez com que os militares argentinos não censurassem Quino na divulgação de Mafalda durante a ditadura Argentina – funcionam como lugar de representação de um feminino que subverte o sistema do patriarcado, assim como elas próprias (as narrativas gráficas) o fazem com o *status quo* da literatura.

Mafalda, ícone do feminismo em quadrinho em análise

Mafalda é o ícone do feminismo em quadrinho pelo simples fato de ser uma das poucas personagens mulheres representadas nessas construções textual-discursivo-

semiótica. Em face da maior parte dos historiadores gráficos serem do sexo masculino, essa representatividade do feminino nesse tipo de produção se torna notadamente prejudicada. Quino, enquanto historiador gráfico do sexo masculino, inova ao trazer uma personagem feminina ousada, que não se contenta com o lugar-comum dado e “empurrado goela abaixo” à mulher. Destarte, analisam-se, adiante, cinco narrativas gráficas retiradas da obra *Mafalda: femenino singular*, de Quino (2019), que problematizam a questão da maternidade e da mulher na sociedade.

Figura 01 – Mafalda I.



Fonte: Quino (2019).

A narrativa gráfica presente na Figura 01 traz à tona um diálogo entre Miguelito e Mafalda: “**Miguelito** – Que estranho, Mafalda! Você brincando de mamãe? **Mafalda** – Bom... é isso mesmo! **Mafalda** – De vez em quando convém levar o instinto para passear um pouco”¹. Na verdade, esse diálogo tem um desfecho em uma certa ironia da personagem Mafalda ao fazer menção à questão do instinto, que, no caso, seria o de ser mãe, abrindo espaço para a reflexão em torno da ideia de que a mulher teria o instinto de cuidar do outro, estereótipo que convergiu para o fato das mulheres terem ocupado o campo da educação/docência no Brasil, por exemplo. De acordo com D’Amorim (1997, p. 122), “O estereótipo de gênero é, pois, o conjunto de crenças acerca dos atributos pessoais adequados a homens e mulheres, sejam estas crenças individuais ou partilhadas.”. Na verdade, a estereotipação da figura feminina e a divisão de tarefas entre homens e mulheres que padronizam modos de ser e estar no mundo foram construídas desde quando o mundo é mundo e que o homem apareceu na terra, uma vez que a mulher era responsável pela colheita e preparo do alimento. O homem, pela caça/caçada.

Essa construção narrativa (cf. Figura 01) corresponde a uma provocação em torno

¹ Esta e todas as outras traduções presentes neste texto foram feitas por mim e, portanto, são de minha responsabilidade.

da maternidade e dos papéis que a ela estão imbricados. Nessa perspectiva, a maternidade seria vista como um instinto vinculado ao cuidar e como característica marcante do feminino. No primeiro quadro, tem-se uma vista de Mafalda segurando um carrinho de bebê com um boneco dentro. No segundo, surge o seu amigo Miguelito, que a questiona, surpreso, em relação à provável brincadeira de ser mãe de que Mafalda estaria participando. Como resposta, tem que, na verdade, ela estaria levando o instinto para passear. Esse instinto, na verdade, é representado figuro-visualmente pelo boneco, embora se saiba que, na verdade, o instinto é interno ao sujeito, é abstrato, estando ele na própria mulher e não no que há dentro do carrinho de bebê. Observa-se, assim, uma construção de ironia alicerçada na multimodalidade, isto é, nas múltiplas formas de linguagem que representam a construção discursiva em questão.

Tendo em vista a Figura 01, entende-se, conforme assegura Venâncio (2002), que o instinto materno não seria uma conduta universal, estando, portanto, vinculado à subjetividade feminina, ou seja, ao passo que uma mulher tenha comportamentos compreendidos como instintos de mãe, outras podem não ter. É ainda o instinto materno um aspecto que se faz negação dos anseios da mulher como domínio público, já que o momento da maternidade é tido como divino, ausente de conversação, lugar de isolamento. É, portanto, um mito que, ainda contemporaneamente, domina o imaginário coletivo e aprisiona a mulher em um espaço de opressão. Badinter (2011, p. 367) problematiza essa discussão ao apontar que

Esse sentimento pode existir ou não existir; ser e desaparecer. Mostrar-se forte ou frágil. Preferir um filho ou entregar-se a todos. Tudo depende da mãe, de sua história e da História. Não, não há uma lei universal nessa matéria, que escapa ao determinismo natural. O amor materno não é inerente às mulheres, é adicional.

Nesse sentido, na Figura 01, é importante notar que, ao modalizar a ação de levar o instinto para passear com o termo “convém”, Mafalda toca em um pilar do patriarcado que é o de, justamente, praticar algo ou se mostrar adepto à alguma prática para que se evite alguma represália por parte do poder coercitivo socialmente e historicamente construído, inclusive pela ideia do *Mito do Amor Materno*, como se toda mulher quisesse, de fato, se tornar mãe, como sugere Resende (2017). Na verdade, não é que Mafalda queira levar o instinto para passear, mas é socialmente exigida/cobrada por isso. É o conveniente. Destarte, o tamanho do último quadro, isto é, o fato dele ser maior do que os dois anteriores não é por acaso, é resultado de um jogo semiótico que concorre para dar ênfase ao desfecho do diálogo, como uma maneira de se construir sentido a partir não só do verbal expresso na palavra, mas também considerando os aspectos visuais que, conjuntamente, devem ser lidos para a compreensão do texto.

No contexto representativo da mulher hoje, apesar de ter sido construída por um homem – ou, talvez, por causa disso –, Mafalda é uma figura muito relevante para se (re)pensar os papéis (des)atribuídos à mulher na sociedade. Na verdade, Quino faz uso do seu lugar de fala masculino para fazer a sociedade refletir sobre seus valores por meio do discurso materializado e proferido pela pequena Mafalda. E o surgimento de Mafalda é, justamente, simultâneo à emergência de movimentos de contracultura, dentre os quais se deve ressaltar o aparecimento da pílula, na década de 60, evento que teve como principal veículo de difusão os meios de comunicação em massa, especialmente a televisão. Tratou-se de um conjunto de modificações político-culturais da população jovem, que deixou de lado perspectivas mais tradicionalistas e conservadoras das famílias, contemplando, assim, ideias mais liberais em vários sentidos, desde o político ao sexual. De acordo com Feijó

(2009, p. 4),

Contracultura foi o nome que recebeu a rebelião de jovens na segunda metade da década de 60 do século XX, principalmente jovens universitários norte-americanos de classe média que se recusavam a cumprir serviço militar em função da Guerra do Vietnã. Buscando uma vida alternativa, também criavam uma nova música e negavam uma sociedade de alta tecnologia e sociedade de consumo correspondente.

O interessante é perceber o quanto o termo *contracultura* é polissêmico, ainda mais quando comparado à *cultura*, já que o primeiro, a partir do prefixo *contra*, pode ser entendido como algo contrário à cultura, e não como uma parte da cultura propriamente dita. Feijó (2009) ainda aponta para a relevância da juventude nesse processo cultural revolucionário que tomou conta do mundo nesse período, tendo em vista que abriu espaço para muitas discussões pertinentes e que eram, outrora, regidas por determinações das classes burguesas e da elite, como é o caso da reclusão feminina ao espaço doméstico, visto como um problema da vida privada e que não deveria ser discutido coletivamente. Logo, a contracultura não foi um movimento anti-intelectual, mas um conjunto de expressões contrárias à cultura dominante, a qual reprimia com veemência a cultura de massa.

Com esse movimento de contracultura, as aflições privadas ganham a coletividade. Desse modo, as questões de gênero e suas desigualdades e estereótipos tornam-se palco de discussão em toda a sociedade, o que provoca muita turbulência nos conservadores, que tomam a situação como abominações por irem contra os preceitos morais das famílias. No entanto, percebe-se esse comportamento repulsivo a esse movimento de libertação da mulher como mais uma tentativa de dominação do macho sobre a fêmea e, com isso, de tentar manter a submissão da mulher ao homem e à sociedade patriarcal como um todo (BOURDIEU, 2012). Isso porque: quem iria promover a descendência da família conservadora? Quem iria dar à luz às crianças do homem? Quem iria, no futuro, ocupar o espaço de poder e de autoritarismo do homem?² A sociedade, então, e, especialmente, as figuras masculinas sofreram um grande impacto com esse movimento, pois ele se configurou como uma “luz no fim do túnel” para a libertação das mulheres.

Figura 02 – Mafalda II.



Fonte: Quino (2019).

Nessa linha de raciocínio, a tirinha apresentada na Figura 02 traz a fala de Mafalda

² Vale dizer que as filhas mulheres também eram tratadas como servas dos homens, cabendo aos filhos homens o espaço de poder, de dominação e de opressão à mulher.

ao dizer “MAMÃE, QUE Futuro você vê a esse movimento pela liberação da mulher? Nada, esquece”, e apresenta uma construção notadamente diferente das tiras usuais ao trazer um balão que ocupa ao mesmo tempo todos os quadros. O balão toma todos os quadros para passar a noção de que a parte do enunciado correspondente a cada cena fica circunscrito em cada quadro correspondente, trazendo, assim, uma ideia de movimento. Logo, a multimodalidade é, assim como na Figura 01, marcante para a leitura da tirinha da Figura 02. Além desse aspecto mais atrelado ao balão e ao quadro, há de se falar do tamanho da letra que vai reduzindo à medida que Mafalda passa de um quadro a outro e vai tocando em um assunto delicado em relação à libertação feminina, fato que tem relação interdiscursiva com as manifestações pela liberdade da mulher ocorridas em oito (08) de março de 2018, no dia internacional da mulher, na Espanha. Essa conjuntura multissemiótica da redução do tamanho da fonte atrelada ao destaque em negrito que se dá às primeiras palavras funciona como se Mafalda iniciasse falando em um tom alto e o fosse amenizando à medida que observa, nos quadros dois e três, as imposições domésticas ao feminino. O estopim é observado na cena representada no último quadro, em que se tem a mãe de Mafalda esfregando o chão, situação que converge para a representação do silenciamento e da submissão e subserviência da mulher na sociedade.

No que se refere à maternidade, a tirinha (Figura 02) em questão favorece a contestação do silêncio que, certamente, é imposto e exigido da mãe de Mafalda, até mesmo porque a mulher que confronta as ordens do sistema do patriarcado torna-se malvista diante da “sociedade propriamente dita” e da família. Dessa maneira, um dos grandes alicerces socialmente e historicamente construídos como característicos da identidade feminina, o casamento, fica relegado ao plano da desconfiança por parte dos homens em relação àquela mulher que subverte o sistema, já que ela, ao promover um ato contrário às normas regentes, também coloca em xeque o poder e a dominação do macho, como diria Saffioti (1987). A mãe de Mafalda, nesse sentido, sob uma espécie de conformismo com a situação, nada tem a dizer sobre a libertação feminina, o que pode ser explicado em razão das coerções social, cultural e histórica que sobre ela incidem. O medo de sofrer represálias, então, a torna susceptível à desigualdade de tratamento em relação ao marido e, conseqüentemente, ao exercício do poder dele sobre ela.

Dado o exposto, é inevitável estabelecer um paralelo entre a relação de submissão da mulher evidenciada na Figura 02 e a própria história do feminismo. Como bem esclarece Céli Regina Jardim Pinto (2010), ao falar sobre o feminismo e sua história, a primeira onda do movimento teve origem com as *sufragetes*, que lutavam pelo direito ao voto na Inglaterra do século XIX, fazendo greves de fome e sendo presas diversas vezes; só obtiveram o direito ao voto na primeira década do século XX, mais precisamente em 1918. No Brasil, a primeira onda foi encabeçada por uma bióloga, Bertha Lutz, que lutou pelo direito ao voto para as brasileiras obtido somente em 1932, com a promulgação do Novo Código Eleitoral Brasileiro (PINTO, 2010). Contudo, foi justamente no período mundial correspondente ao movimento da contracultura que o feminismo ganhou um destaque avassalador, pois, em 1949, Simone de Beauvoir publica um marco da libertação feminina, *O Segundo Sexo*; nos primeiros anos da década de 60, lança-se a pílula anticoncepcional, que permite à mulher o controle da fecundidade; e, em 1963, Betty Friedan lança a popularmente conhecida Bíblia do feminismo: *A mística feminina*. É justamente nesse contexto que as mulheres, pela primeira vez na história da humanidade, vão questionar com mais vigor as relações de poder entre homens e mulheres em vários âmbitos da sociedade, no trabalho, na educação, nas relações sociais, no espaço doméstico (SAFFIOTI, 1987).

Nesse sentido, dentre vários lugares-foco de indagações pelas mulheres, tem-se o da maternidade, evidenciado na Figura 02 à medida que se atrela a imagem da mulher ao

cuidado do lar, à preparação de um ambiente confortável ao marido, o que seria uma característica intrínseca da própria maternidade. No ocidente, a completude feminina se dá com a maternidade, símbolo máximo da fecundidade e da fertilidade da mulher, conforme ditam as normas e mitos que regem a sociedade que se faz patriarcal. É lugar-comum escutar que, nesse cenário social, são papéis da mulher três práticas básicas: o cuidado do lar e das crianças, dar prazer ao marido e, por fim, a procriação. Seria, então, a maternidade característica básica do feminino, elemento indispensável para que uma mulher seja vista como tal (VERZA; SCHLEINIGER; GOMES; STREY, 2013). De acordo com Brasil e Costa (2018), a maternidade, para o feminismo, enclausuraria a mulher no ambiente doméstico e a subjugaria em relação aos homens, tendo em vista que estes não compreendem o papel da maternidade como compartilhável e coerente com o da paternidade. A maternidade, então, promoveria a reclusão da mulher ao espaço do privado, assim como de suas aflições, sem que se discutissem as injustiças e os sacrifícios por elas feitos.

Segundo Scavone (2001, p. 139), a maternidade, em um primeiro momento,

(...) foi reconhecida como um *handicap* (defeito natural) que confinaria as mulheres em uma bio-classe. Logo, a recusa da maternidade seria o primeiro caminho para subverter a dominação masculina e possibilitar que as mulheres buscassem uma identidade mais ampla, mais completa e, também, pudessem reconhecer todas suas outras potencialidades. (*grifo da autora*)

Essa questão da subversão da maternidade estaria ancorada, nesse momento, nos usos de anticoncepcionais, e abriram campo de debate sobre o aborto e, conseqüentemente, sobre o corpo feminino como propriedade da mulher, e não nos valores morais socialmente construídos. Contemplava-se, então, a perspectiva do feminismo igualitário, o qual requeria direitos iguais entre homens e mulheres. Em um segundo momento, Scavone (2001) esclarece que a maternidade passa a ser vista como uma característica singular do feminino, que apenas as mulheres a teriam, sendo, portanto, objeto de inveja dos homens. A maternidade representaria o poder feminino, sobretudo a partir da visão do cordão umbilical que liga o feto à mãe, sendo esta a geradora da vida, o que se configura discussão de um feminismo diferencialista. Já em um terceiro momento, compreende-se que não seria a perspectiva biológica de poder ou não gerar filhos que daria a mulher algum *status* na sociedade, mas sim as relações de poder e dominação geradas a partir do fato delas engravidarem e, com isso, ficarem restritas ao contexto privado (SCAVONE, 2001). Essa terceira percepção só foi possível a partir da introdução do conceito de gênero, que, conforme Piscitelli (2009, p. 119),

(...) remete a um conceito elaborado por pensadoras feministas precisamente para desmontar esse duplo procedimento naturalização mediante o qual as diferenças que se atribuem a homens e mulheres são consideradas inatas, derivadas de distinções naturais, e as desigualdades entre uns e outras são percebidas como resultado dessas diferenças. Na linguagem do dia a dia e também das ciências a palavra remete a essas distinções inatas, biológicas. Por esse motivo, as autoras feministas utilizaram o termo gênero para referir-se ao caráter cultural das distinções entre homens e mulheres, entre ideias sobre feminilidade e masculinidade.

Nesse sentido, gênero é diferente de sexo biológico. Enquanto este refere-se a uma

característica inata observável pela presença de órgãos genitais específicos – pênis para o homem e vagina para a mulher, por exemplo –, aquele estaria vinculado a construções aleatórias que foram social e historicamente imbricadas erroneamente ao sexo, como as percepções de que o masculino é caracterizado pela agressividade, pelo sustento do lar, pela frieza, pela coragem, pela força, ao passo que o feminino, pelo inverso do masculino, como a meiguice, a doçura, a beleza, a fraqueza, a submissão (PISCITELLI, 2009).

Figura 03 – Mafalda III.



Fonte: Quino (2019).

É sob um raciocínio semelhante e complementar ao da tirinha da Figura 02 que Quino articula o discurso formulado na Figura 03. Como se pode ver, o momento de produção discursiva é inserido no contexto físico de uma sala de aula, em que Mafalda interrompe a explicação da professora para fazer um apontamento: “**Professora** – Minha mamãe me mimá. Minha mamãe me ama. **Mafalda** – A parabênizo, senhorita; vejo que você tem uma mamãe excelente. **Mafalda** – E agora, por favor, nos ensine coisas realmente importantes.”. Em primeiro lugar, há três aspectos a serem considerados para efeito de análise: a professora, que representa a mulher como personagem principal no campo da educação, fato decorrente de um estereótipo de gênero que vincula o feminino ao cuidado, podendo-se, dessa maneira, implementar um percurso histórico da educação no Brasil, para que se verificasse que, sobretudo a partir do século XX, a mulher se torna a educadora por excelência tanto em casa quanto na escola; a identidade da mãe associada à questão da maternidade, isto é, de gerar um filho a quem se deve mimar, fazendo-lhe todos os gostos e atendendo a todos os seus desejos; e, por fim, a presença de uma voz feminina, Mafalda, que questiona todo esse sistema de negação da intelectualidade feminina, o que

pode ser observado, especialmente no último quadro, em que Quino, mais uma vez, se utiliza de uma estratégia multimodal ao trazer o último quadro em tamanho maior do que os outros como recurso que visa a destacar o desfecho relativo à necessidade de que a professora fale de aspectos importantes, isto é, que perpassem um engajamento social, político, econômico, ambiental, cultural. Essas harmonizações discursivas também se sustentam no não-verbal, a exemplo das expressões faciais de ambas as personagens, principalmente da professora, que, em um primeiro momento, se encontra feliz, em uma espécie de conformismo, passando a expressar abatimento ao passo que é, juntamente com sua postura, posta em questionamento.

No tocante a essa primeira abordagem, da figura feminina como estereótipo de educação, que tem o instinto do cuidar, cabe discutir a configuração constitutiva de gênero do universo educacional mundial e brasileiro e sobre a valorização dos profissionais da educação. Como bem se sabe, a mulher passou a ganhar esse espaço da educação pelo fato de servir como cuidadora de crianças enquanto os maridos trabalhavam. Com isso, tornaram-se, portanto, as principais profissionais dessa área, fato que justifica o grande índice de professores do sexo feminino ainda hoje, sobretudo em se tratando do contexto brasileiro. Inclusive, uma questão de gênero pode ser apontada como mola precursora para a desvalorização da educação e dos seus profissionais, tendo em vista a associação – nem que seja inconsciente – da educação à figura feminina e, por isso, ela possa ser vista por alguns como menos importante.

Quando se visualiza, na tirinha da Figura 03, uma professora que é questionada pelo fato de o que estar falando/ensinando não ter importância, tem-se uma referência à necessidade de as mulheres “abrirem os olhos” para as questões que possam, realmente, influenciar suas vidas no sentido da emancipação social, política, cultural, econômica, de gênero. Ademais, faz alusão à importância de se discutirem questões concernentes ao entendimento da sua condição enquanto sujeito subjetivo que integra um todo, cuja relação precisa ser harmoniosa, pautada em uma equidade, a partir da qual todos devem ter direitos e deveres equivalentes. Mafalda, nesse sentido, promove essa provocação a partir do seu discurso carregado de ironia – ao felicitar a professora –, e que busca reconfigurar a participação feminina na concepção de um mundo melhor por meio da reflexão social que vislumbra o exercício pleno da cidadania dos sujeitos. Na verdade, há, metaforicamente, uma crítica à maternidade expressa logo no primeiro quadro da Figura 03 como sendo um empecilho a essa autonomia feminina, valendo-se da inquirição do recinto resignado ao qual a mulher tem estado sujeita.

Figura 04 – Mafalda IV.



Fonte: Quino (2019).

Ao se partir para a Figura 04, encontra-se Mafalda revoltada com o fato de sua mãe ter sido, muito provavelmente, obrigada a deixar de estudar para se casar com seu pai. Isso

a leva a caracterizar o seu pai como um obscurantista, por ter persuadido a mulher a se casar com ele: “**Mafalda** – Pensar que mamãe poderia ter um título! ... mas não: se casou! ... abandonou os estudos e se casou! **Mafalda** – Seguramente alguém a convencei para que deixasse de estudar! Tenho certeza de que alguém a persuadiu, para que não se instruisse! **Funcionário** – Telefone, chefe. **Mafalda** – Obscurantista!”. Mais uma vez se revela uma Mafalda com uma visão engajada diante das práticas de poder e de dominação do gênero masculino que ofuscam – ou pelos menos buscam ofuscar – o feminino (BOURDIEU, 2012), especialmente por se apresentar indignada em relação às oportunidades perdidas pela sua mãe pelo fato de ter adquirido – ou, talvez ter sido imposta a – um matrimônio. Esse tópico é sobressaltante na conjuntura patriarcal, posto que o pai, geralmente, é quem escolhia o marido para a filha com base na família do pretendente, avaliando-o sob a direção dos bens financeiros, sem se preocupar com as aspirações amorosas ou profissionais da filha.

É curioso perceber como Quino constrói a dinâmica discursiva de Mafalda na tirinha da Figura 04 por meio dos tipos de balões que representam cada quadro. No primeiro quadro, tem-se um balão que reflete o pensamento da personagem, estando, portanto, no plano metafísico, imaterial, abstrato, não sendo revelado/materializado em linguagem. No segundo quadro, as percepções da menina saem desse plano especulativo-filosófico e adentram o da produção enunciativa, o que ganha forma no balão de fala. No último quadro, por sua vez, a fala é explosiva, configurando um grito, apresentado visualmente por um balão de grito. Essa composição da tirinha remete ao passo-a-passo que deve ser seguido para que a mulher consiga dar o grito de emancipação: deve refletir criticamente sobre o *status quo* ao qual tem sido submetida, deve mobilizar-se socialmente para que, depois, consiga a libertação, isto é, a equidade de gênero.

O susto expresso nas fáceis do pai no último quadro sinaliza um ponto da discussão de gênero que é imprescindível de se refletir: todos os estereótipos de gêneros são diariamente vistos, tanto por muitos homens, quanto por muitas mulheres, como naturais e corretos e, muitas vezes em razão disso, passam despercebidos. A fisionomia de espanto do pai reverbera a imagem de uma sociedade que ainda não se deu conta das suas próprias imposições de gênero e das suas consequências. Em outras palavras, como diria Bourdieu (2012, p. 7),

(...) que a ordem estabelecida, com suas relações de dominação, seus direitos e suas imunidades, seus privilégios e suas injustiças, salvo uns poucos acidentes históricos, perpetue-se apesar de tudo tão facilmente, e que condições de existência das mais intoleráveis possam permanentemente ser vistas como aceitáveis ou até mesmo como naturais.

O pai de Mafalda, na verdade, pode ter se assustado por dois motivos: i) pelo fato de estar sendo gritado pela filha, fato não esperado por ele; ii) por ter se dado conta da relação de dominação que exerceu sobre a mulher pelo fato de o casamento com ela ter implicado na provável ausência de uma formação intelectual para a esposa. No contexto discursivo no qual Mafalda se insere, como produção de Quino, declaradamente feminista, o motivo mais coerente e interdiscursivamente mais próximo da compreensão da tira seria, justamente, o segundo.

Figura 05 – Mafalda V.



Fonte: Quino (2019).

Na Figura 05, pode-se ver Mafalda se pronunciando em relação ao dia das mães: “**Mafalda** – Aproveito o dia da mãe para saudar todas as mamães. **Mafalda** – ... e para recorda-las de alguns sacrifícios que esfregar, passar ferro, cozinhar e tudo o mais... **Mafalda** – ... não significa esfregar a vida, passar as preocupações, fritar a personalidade e tudo isso, sabem?”. Essa produção favorece a meditação quanto ao verdadeiro sentido dessa data comemorativa, como a sociedade age nesse cenário incentivada por uma mídia que busca também vender, estereotipicamente a figura da mãe e produtos domésticos, e quais caminhos podem explicar o (auto)apagamento da identidade da mulher nesse sentido. Novamente, Quino articula elementos semióticos que corroboram esse ideário crítico, como é o caso da mudança de expressão facial de Mafalda no decorrer dos quadros, explicitando sua impressão em relação aos discursos por ela formulados. No primeiro quadro, tem-se Mafalda risonha saudando as mães, no segundo e no terceiro, a menina encontra-se surpreendida, espantada com a realidade.

Paralelamente, Mafalda opõe as expressões *esfregar [o chão]/esfregar a vida, passar ferro/passar preocupações, cozinhar [o alimento]/fritar a personalidade* com o intuito de engendrar um raciocínio de que a mulher não deve apagar a sua identidade de sujeito pensante por causa das prerrogativas de gênero, as quais, inclusive, no próprio dia das mães, lhe caem à cabeça como um chapéu. Isso porque, costumeiramente, antecipadamente a essa data comemorativa, que se tornou sinônimo de lucro e de consumismo, a mídia projeta todo um conjunto de *marketing* que corrobora com os estereótipos que associam a mulher às atividades domésticas, com isso ofertam eletrodomésticos e outros produtos que servem à manutenção do lar, mas que, efetivamente, não têm uma serventia individual para a mulher. Ora, se é o dia dela, deveria ser apresentada com algo que, realmente, lhe sirva enquanto

sujeito individual, e não para uso comum de todas as pessoas que fazem parte da família. Como se pode nitidamente entender, a mídia é uma das instituições sociais que sustentam a desigualdade de gênero que fundamenta o sistema patriarcal.

Considerações finais

Hoje mais do que nunca a discussão em torno das desigualdades e dos estereótipos atrelados à categoria gênero, notadamente do feminino, se faz indispensável ao se considerar uma sociedade que se faz escrava dos seus próprios preconceitos. Contemporaneamente, muitas mulheres têm ganhado espaço quando se fala da emancipação feminina e da configuração identitária do sujeito-mulher crítico, pensante, reflexivo e agente em um mundo para a promoção de direitos iguais entre homens e mulheres, de superação das tradicionais relações de dominação e submissão atreladas ao patriarcalismo.

Dado o exposto, é nítida a relevância da personagem do argentino Quino, Mafalda, como representação da mulher que questiona seu lugar de ser e estar no mundo, critica o subjugamento feminino como instância da e para a desigualdade de gênero, e que clama por ações engajadas que favoreçam novas perspectivas de ler e de agir no mundo. Ao trazer como uma de suas principais temáticas a questão da maternidade, seus estereótipos e suas consequências, Mafalda possibilita que os seus leitores entendam melhor, a partir de um olhar interdiscursivo com os acontecimentos que perpassam o social, os papéis da mulher, principalmente daquela que é ou se faz mãe, associados a construções sociais, históricas e culturais que tendem a, errônea e arbitrariamente, determinar mitos de amor e de instinto para o feminino.

Por fim, é muito válido perceber a literatura como esse espaço enunciativo, não no sentido de representar realisticamente a realidade, mas de, a partir de uma linguagem própria, possibilitar ao leitor a problematização de lugares. E, além disso, como a literatura, enquanto construção de linguagem, se constitui, em alguns momentos, como uma manifestação de um determinado grupo no sentido de favorecer, por meio de uma articulação e arquitetura específicas, como é o caso das narrativas gráficas, uma discussão também sobre o próprio estado da literatura que prioriza alguns tipos de produção em detrimento de outras. Assim, a literatura em quadrinhos, as narrativas gráficas – se aproveitando de recursos de linguagem como as múltiplas semioses visuais, além de figuras de linguagem como a ironia, a onomatopeia, dentre outros – se mostram não-lugares canônicos que aspiram um debate também sobre a sua produção enquanto ato de denúncia, isto é, enquanto subversão ao *status quo* do cânone e dos gêneros literários canonizados. Dessa maneira, mostra-se um meio pertinente para a abordagem de uma temática atemporal, como é o caso da representação e da representatividade da mulher.

Referências

- BADINTER, Elisabeth. **O conflito: a mulher e a mãe**. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**, v. I, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BRASIL, Marina Valentim; COSTA, Angelo Brandelli. Psicanálise, feminismo e os caminhos para a maternidade: diálogos possíveis? **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 3, p. 427-446, 2018. Disponível em: pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v30n3/03.pdf.

Acesso em 31 de ago. 2019.

D'AMORIM, Maria Alice. Estereótipos de gênero e atitudes acerca da sexualidade em estudos sobre jovens brasileiros. **Temas em Psicologia**, n. 3, p. 121-134, 1997.

FEIJÓ, Martin Cezar. Cultura e Contracultura: Relações entre conformismo e utopia. **Revista FACOM**, n. 21, p. 1-10, 2019. Disponível em: www.fAAP.br/revista_faap/revista_facom/facom_21/martin.pdf. Acesso em: 01 de set. 2019.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **“Literatura marginal”**: os escritores da periferia entram em cena. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, SP, 2006.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, 2010. Disponível: www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf. Acesso em: 01 de set. 2019.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José. (orgs). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia Editores, 2009, p. 116-148.

QUINO. **Mafalda**: femenino singular. Lumen: Buenos Aires, 2019.

RESENDE, Deborah Kopke. Maternidade: uma construção histórica e social. **Pretextos** – Revista da Graduação em psicologia da PUC Minas, v. 2, n. 4, p. 175-191, 2017.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. **Cadernos Pagu**, n. 16, p. 137-150, 2001. Disponível em: www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a08.pdf. Acesso em 31 de ago. 2019.

TIBURI, Márcia. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. 3. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

VENÂNCIO, Renato Pinto. A maternidade negada. In: PRIORE, Mary Del. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2002. p.189-223.

VERZA, Fabiana; SCHLEINIGER, Cristiane dos Santos; GOMES, Gustavo Affonso; STREY, Marlene Neves. Reflexões sobre a maternidade: um estudo exploratório com mulheres acima de 40 anos. **Athenea Digital**, v. 13, n. 3, p. 179-194, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5565/rev/athenead/v13n3.1151>. Acesso em: 01 de set. 2019.